

Adaptação ao ensino superior: os domínios e os três tempos de afiliação

Resumo: Com a democratização do acesso ao ensino superior, surgiu o interesse de investigar a adaptação de jovens oriundas de classes populares ao contexto universitário. Assim, objetivou-se caracterizar o perfil de 26 universitárias do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual de Feira de Santana no interior da Bahia, e as particularidades interpessoais, acadêmicas e vocacionais durante os três tempos de adaptação. Trata-se de uma pesquisa de campo, do tipo descritiva, a partir de levantamento de dados com uso de questionário. A análise dos dados se deu de forma quantitativa a partir do programa SPSS, versão 26, a partir de frequências absolutas e relativas. As participantes foram mulheres entre 18 e 23 anos, negras e moradoras de Feira de Santana, em sua maioria. No domínio interpessoal, elas demonstraram bom convívio e facilidade para se comunicar com colegas, pouca interação com docentes e desagrado por estar na universidade sem aula. Quanto ao domínio acadêmico, apresentaram satisfação com o curso escolhido, cansaço para frequentar aulas e pouco tempo de lazer. No domínio vocacional, a maioria das participantes respondeu imaginar boas perspectivas profissionais e boa inserção no mercado de trabalho, mas não souberam se iriam obter reconhecimento social e financeiro que o curso escolhido poderia lhes trazer. Conclui-se que na dinâmica de adaptação, houve equilíbrio no jogo de forças que dificultam ou facilitam a afiliação. Os pares mostraram-se um suporte afetivo positivo no processo, enquanto a comunicação com professores e o suporte institucional precisavam ser fortalecidos para garantir um melhor engajamento estudantil.

Palavras-chave: adaptação ao ensino superior; sociologia da educação; Licenciatura em Pedagogia.

Thalita Nascimento Gazar

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

thalita.gazar@outlook.com

Mirela Figueiredo Santos Iriart

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

mfsiriart@uefs.br

Adapting to higher education: domains and the three stages of affiliation

Abstract: With the democratization of access to higher education, interest arose in investigating the adaptation of young people from popular classes to the university context. Thus, the objective was to characterize the profile of 26 university students of the Degree in Pedagogy at the Universidade Estadual de Feira de Santana in the interior of Bahia, and the interpersonal, academic and vocational particularities during the three periods of adaptation. This is a field research, of the descriptive type, based on data collection using a questionnaire. Data analysis was carried out quantitatively using the SPSS program, version 26, based on absolute and relative frequencies. The participants were women between 18 and 23 years old, black, and mostly living in Feira de Santana. In the interpersonal domain, they demonstrated good interaction and ease in communicating with colleagues, little interaction with professors and dissatisfaction with being at the university without classes. In the academic domain, they were satisfied with the chosen course, tired to attend classes and little leisure time. In the vocational domain, most participants responded that they imagined good professional prospects and

good insertion in the job market, but did not know whether they would obtain the social and financial recognition that the chosen course could bring them. It is concluded that in the dynamics of adaptation, there was balance in the game of forces that hinder or facilitate the affiliation. Peers showed positive affective support in the process, while communication with professors and institutional support needed to be strengthened to ensure better student engagement.

Keywords: adaptation to higher education; sociology of education; Degree in Pedagogy.

Adaptación a la educación superior: los dominios y las tres etapas de afiliación

Resumen: Con la democratización del acceso a la educación superior, surgió el interés por investigar la adaptación de los jóvenes de las clases populares al contexto universitario. Así, el objetivo fue caracterizar el perfil de 26 estudiantes universitarios de la Licenciatura en Pedagogía de la Universidad Estadual de Feira de Santana del interior de Bahía, y las particularidades interpersonales, académicas y vocacionales durante los tres períodos de adaptación. Se trata de una investigación de campo, de tipo descriptiva, basada en la recolección de datos mediante un cuestionario. El análisis de datos se realizó cuantitativamente mediante el programa SPSS, versión 26, en base a frecuencias absolutas y relativas. Los participantes eran mujeres entre 18 y 23 años, negras y en su mayoría residentes en Feira de Santana. En el dominio interpersonal, demostraron buena interacción y facilidad para comunicarse con los compañeros, poca interacción con los profesores e insatisfacción por estar en la universidad sin clases. En el ámbito académico, se mostraron satisfechos con el curso elegido, cansados de asistir a clases y poco tiempo libre. En el dominio vocacional, la mayoría de los participantes respondieron que imaginaban buenas perspectivas profesionales y una buena inserción en el mercado de trabajo, pero no sabían si obtendrían el reconocimiento social y económico que la carrera elegida podría traerles. Se concluye que en la dinámica de adaptación hubo equilibrio en el juego de fuerzas que dificultan o facilitan la filiación. Los compañeros mostraron un apoyo afectivo positivo en el proceso, mientras que la comunicación con los profesores y el apoyo institucional necesitaban fortalecerse para garantizar una mejor participación de los estudiantes.

Palabras clave: adaptación a la educación superior; sociología de la educación; Licenciada en Pedagogía.

Introdução

O primeiro curso de Pedagogia surgiu em 1939 na Universidade de São Paulo, mas numa espécie de bacharelado, que proporcionava formação técnica em Educação em três anos, e após sua conclusão o(a) estudante poderia formar-se como professor(a) para lecionar em espaços pedagógicos. (MEDEIROS; ARAÚJO, SANTOS, 2021) Ao longo dos anos, foi se modelando como visto atualmente. Há de se concordar que a presença de mulheres nessa profissão ligada à

educação é um fenômeno construído historicamente. A docência surge, então, como uma oportunidade de entrada das mulheres no mercado de trabalho, um ofício que conciliava seus deveres com o lar e com a família. (COSTA, 2016) Além disso, era uma profissão socialmente aceita, já que reforçava o estereótipo da representação da mulher como frágil, dócil e do lar. (SOUZA; GONÇALVES; GOES, 2019) Em uma pesquisa nacional sobre distribuição de mulheres no ensino superior, Barreto (2014) observou que a Licenciatura em Pedagogia é o curso menos equânime entre os gêneros, tendo 93,3% de mulheres matriculadas.

O curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) foi instalado em 1987, com a função de atender à demanda por formação superior exigida pelo sistema de ensino da região geoeeducacional de Feira de Santana. Seu projeto político pedagógico visa uma formação centrada em alguns princípios: prática social humanizada, produção da vida cultural e exercício crítico do trabalho, com vistas a formar profissionais aptas(os) para atividades na docência, na gestão educacional e produção e difusão do conhecimento em educação. O curso está locado no Departamento de Educação e oferta 40 vagas semestrais, que são ocupadas majoritariamente por mulheres. Na primeira chamada do processo seletivo de 2018.2, por exemplo, 92,9% dos(as) aprovados(as) eram mulheres, conforme Coordenação de Seleção e Admissão (CSA) da universidade.

O curso de Licenciatura em Pedagogia pela UEFS foi estruturado para quatro anos, ou seja, oito semestres, cumprindo uma carga horária de 3.470 horas, distribuídas entre componentes básicos, prática pedagógica, estágio supervisionado, educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, componentes optativos, trabalho de conclusão de curso e atividades complementares. (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA, 2018) As estudantes se articulam para participar de disciplinas obrigatórias pela manhã e disciplinas optativas e demais atividades extraclasse no turno da tarde.

O corpo discente conta com o colegiado do curso para promover matrícula estudantil, mediar relação com docentes, direcionar modos de lidar em situações complexas em sala de aula, apoiar a inserção de estudantes calouras no curso, instruir quanto às disciplinas optativas, indicar bolsas estudantis e demais demandas. Como suporte acadêmico, também conta com uma atlética e

uma liga voltada à Psicopedagogia. Em termos de organização há assembleias estudantis, que acontecem uma vez por semestre e o Diretório Acadêmico.

Ao longo do tempo e do acesso democratizado progressivo, estudantes de diferentes classes socioeconômicas e pluralidade sociocultural têm ingressado no curso. O perfil ainda continua bastante feminino, porém, novas mulheres têm conquistado esse espaço trazendo para a universidade sua diversidade de raça, classe, locais de origem e modos de vivenciar a sexualidade e questões de gênero. São mulheres negras, trabalhadoras, mães, militantes, pesquisadoras, que fogem da heterossexualidade compulsória, vindas de cidades interioranas e da zona rural.

Essa diversidade é essencial na democratização do ensino superior, especificamente nas licenciaturas, significando acolher temáticas prioritárias à educação, como adaptação ao ensino superior, vivência da maternagem, questões ligadas à raça, gênero e corporeidade, inclusão de pessoas com deficiência, dentre outras. Essas temáticas têm sido pautadas, sobretudo, na rede social do Diretório Acadêmico do curso (@carolinaspedagogia) a partir de transmissões ao vivo e *posts*, trazendo novas perspectivas para pensar o currículo do curso e a permanência no ensino superior, pois conseqüentemente esses fatores impactam a vivência das estudantes nos quatro domínios da adaptação: pessoal, social, acadêmico e vocacional.

Partindo da pesquisa “Processos de Ingresso no Ensino Superior: transições, suportes e arranjos entre jovens de universidades públicas do Estado da Bahia”, desenvolvida de forma multicêntrica entre a UEFS e a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), interessou-nos saber como se caracteriza a adaptação ao ensino superior, a partir de particularidades nos domínios interpessoais, acadêmicas e vocacionais, de 26 universitárias do curso de Licenciatura em Pedagogia da UEFS. À luz de estudos, como Almeida, Soares e Ferreira (2002) e Coulon (2008), analisamos como esses diferentes domínios atuam na composição de forças que facilitam ou dificultam os três tempos da afiliação estudantil.

O objetivo desse recorte do estudo deu-se após a leitura flutuante do banco de dados construído, no qual nos chamou atenção as questões específicas da turma de Licenciatura em

Pedagogia pela composição majoritariamente feminina e de classe popular, cujas trajetórias podem ser atravessadas, por exemplo, pela maternidade, acúmulo de funções domésticas, acadêmicas e laborais. Espera-se, com essa análise, contribuir para o debate sobre a adaptação à vida acadêmica e fomentar a construção de programas, políticas e estratégias institucionais que favoreçam a permanência de universitárias de Licenciatura em Pedagogia na universidade.

O artigo está organizado para apresentar o referencial teórico, o percurso metodológico, posteriormente os resultados e as análises, começando pela apresentação do perfil socioeconômico das participantes e os achados do domínio interpessoal, acadêmico e vocacional. Por fim, as considerações finais, resumizando os resultados, as limitações encontradas e indicando possíveis estudos posteriores.

Referencial teórico

Com a democratização de acesso ao ensino superior, surge uma demanda de investigar a diversidade de perfis e a adaptação a este nível de educação. Para estudar o fenômeno em Portugal, Almeida, Soares e Ferreira (2000) sintetizaram as variadas tarefas para efetivar a adaptação ao ensino superior no Questionário de Vivências Acadêmicas (QVA) a partir de quatro domínios: pessoal; social; acadêmico; e vocacional, que consideram o(a) estudante, o curso e o contexto. Particularmente interessa a esse estudo os três últimos domínios. O social diz respeito à construção de relação mais madura com familiares, parceiros(as) amorosos(as), docentes, colegas de turma e demais figuras do contexto universitário. Já o acadêmico condiz com a adaptação às particularidades do ensino superior, como os modos de avaliação, o sistema de disciplinas, a rotina de estudos, as estratégias de aprendizagem e o convívio em espaços da instituição de ensino. E por fim, o vocacional, que trata da construção da carreira e identidade profissional do(a) universitário(a). (ALMEIDA; SOARES; FERREIRA, 2002)

A afiliação ao ensino superior também foi investigada por Alain Coulon na França na década de 1990, ainda uma referência para pesquisas realizadas no Brasil, como as que vêm sendo desenvolvidas no Observatório da Vida Estudantil (OVE) da

Universidade Federal da Bahia (UFBA) e da UFRB (SAMPAIO, 2011), e que nos ajudou a estruturar o estudo em questão. Conforme Coulon (2008), o(a) universitário(a) passa por três tempos com obstáculos de cunho intelectual, institucional e social para que aprenda “o ofício de estudante”.

Primeiro vem o tempo de estranhamento, no qual os novos costumes e ritmos são descobertos e questionados pelo indivíduo. A ausência de conhecimento sobre as particularidades do funcionamento institucional e da ambientação no contexto universitário é a marca principal dessa fase. Pouco sabe sobre os códigos linguísticos e comportamentais, regras da instituição, modo de circular no espaço, cobranças indiretas, organização dos papéis sociais e das rotinas de estudo, por exemplo. A inserção em outros espaços da universidade, como biblioteca, cantinas, grupos de estudos e núcleos de pesquisa, a troca de experiências com estudantes já adaptados(as), sentimento de pertença a um grupo recém-chegado que demonstra passar por dificuldades de adaptação semelhantes são alguns dos suportes frente às dificuldades encontradas.

O tempo da aprendizagem se configura enquanto o limbo entre a condição anterior e a afiliação. Caracteriza-se como um momento de dúvidas, ansiedade, cansaço mental, baixa autoestima e incertezas, já que o(a) novo(a) estudante não se sente completamente inserido(a), mas não vivencia mais o estranhamento inicial. Nessa fase, lhe é requerida a familiarização com a nova realidade, quando as incertezas e falta de representação corroboram para a evasão estudantil, principalmente em feriados prolongados, mudanças de semestre e greves extensas. (COULON, 2008) Além disso, a falta de vinculação entre colegas de curso também é uma problemática desta fase.

Por último, o tempo de afiliação, no qual o indivíduo já consegue se inserir no novo *ethos*, assimila e utiliza os códigos institucionais e intelectuais. É um momento no qual já conhece a praticabilidade das regras e se torna membro competente da comunidade. Alguns marcadores visíveis de afiliação são: expressão escrita e oral adequadas, inteligência prática e respeito aos prazos e compromissos. Há ajuste da qualidade e quantidade de esforço dedicado à aprendizagem e até criticidade quanto ao método de ensino utilizado pelos(as) docentes, conforme já descrito por Coulon (2008).

Percurso metodológico

Para caracterizar a adaptação ao ensino superior a partir de particularidades interpessoais, acadêmicas e vocacionais, de 26 universitárias do curso de Licenciatura em Pedagogia da UEFS, foi realizada pesquisa de campo, do tipo descritiva a partir de levantamento, ou seja, interrogação direta às pessoas sobre o fenômeno ao qual se investiga. Partindo do banco de dados da pesquisa “Processos de Ingresso no Ensino Superior: transições, suportes e arranjos entre jovens de universidades públicas do Estado da Bahia”, em que constam 86 participantes da UEFS, recortaram-se 26 estudantes inscritas em uma disciplina do terceiro semestre do curso de Licenciatura em Pedagogia. A escolha das estudantes foi por conveniência, sendo convidadas para o estudo aquelas que estavam disponíveis para responder o instrumento no dia escolhido para a coleta de dados.

O instrumento utilizado foi elaborado pela equipe de pesquisa a partir de referências sobre ensino superior e adaptação à vida estudantil. (ALMEIDA; FERREIRA; SOARES, 2000; COULON, 2008) Após teste piloto, o questionário contém 83 questões, variando entre fechadas, abertas e de Escala Likert, visando conhecer o perfil socioeconômico da universitária, condições de estudo, adaptação e permanência na universidade. Particularmente interessam a este estudo as seções de identificação pessoal e de informações sobre a vida estudantil, que está dividida entre domínio interpessoal, acadêmico e vocacional, constando 29 itens que poderiam ser respondidos através de Escala Likert com quatro variações: “nunca”, “raramente”, que têm inclinações negativas, “muitas vezes” e “sempre”, com inclinações positivas.

A aplicação ocorreu em novembro de 2019, durante uma aula cedida de uma das disciplinas que compõe a grade curricular do terceiro semestre do curso. Após a autorização da docente, foi explicada a pesquisa, os objetivos, benefícios e riscos, os direitos das participantes e o instrumento. Todas as estudantes presentes na aula aceitaram participar do estudo. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi assinado por aquelas que desejaram colaborar com o estudo e o questionário foi respondido voluntariamente, com duração média de 30 minutos. Os dados obtidos foram tabulados e analisados através do programa estatístico SPSS, versão 26, a partir de frequências absolutas e relativas.

O presente estudo levou em consideração as recomendações éticas das Resoluções nº 510/16 e nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, prezando pela dignidade da participante da pesquisa. Foi submetido à apreciação e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da UEFS, do qual recebeu parecer positivo nº 85831718.6.0000.0053.

Resultados e análises

Os resultados, tratando do perfil das participantes e das dimensões interpessoal, acadêmico e vocacional, estão dispostos e discutidos à luz da literatura nas subseções a seguir.

Perfil das participantes

Conhecer os dados socioeconômicos das participantes é fundamental para situar essas mulheres conforme sua posição social a partir de alguns marcadores, como raça/cor, idade, estado civil, orientação sexual, renda familiar e ocupações, dados autodeclarados e dispostos na Tabela 1 a seguir.

Tabela 1 – Dados socioeconômicos, Feira de Santana/BA, 2019

Dados socioeconômicos	n
RAÇA/COR	26
Branca	5
Preta	9
Parda	12
ESTADO CIVIL	26
Desacompanhas	22
Acompanhadas	4
ORIENTAÇÃO SEXUAL	26
Heterossexual	21
Bissexual	5
TRABALHO	26
Sim	6
Não	20
RENDA FAMILIAR	26
Menos de 1 salário mínimo	11
De 1 a 3 salários mínimos	11
De 3 a 6 salários mínimos	4

Fonte: elaborada pelas autoras.

A média de idade das estudantes foi de 20,15 anos, variando entre 18 e 23 anos, demarcando uma faixa etária situada na

juventude, conforme a Política Nacional de Juventude que considera jovem todo cidadão ou cidadã entre os 15 e 29 anos. (CONSELHO NACIONAL DE JUVENTUDE, 2006) A juventude é caracterizada por transições significativas na trajetória de vida dos sujeitos, tais como a inserção no mercado de trabalho, ingresso no ensino superior, constituição de nova família, parentalidade, novos papéis sociais. Por ser a juventude atravessada pela diversidade de gênero, classe, raça/etnia, idade e religião, usa-se o termo no plural: juventudes. (SPOSITO; CARRANO, 2003)

A autodeclaração de cor/raça é uma importante variável porque agrupa pessoas com uma história em comum a partir de um marcador social. (BENTO, 2002) Das participantes, 12 se declararam pardas, nove pretas e cinco brancas. Assim, 21 podem ser consideradas negras, conforme a classificação proposta pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Aqui as mulheres negras representaram 55,4% a mais do que mapeado por Artes (2017), que investigou a presença de mulheres no ensino superior brasileiro. Isto pode se dever ao fato do estado da Bahia ter 76,3% de negros em sua população. (IBGE, 2011)

Quanto ao estado civil, 22 das 26 universitárias declararam ser solteiras e as outras quatro estão casadas ou unidas de forma estável com parceiros(as). Uma das universitárias é mãe, e isso pode proporcionar uma dupla jornada de trabalho, associando estudos e tarefas do lar – às vezes tripla se incluir um trabalho formal. O mesmo pode acontecer com aquelas casadas ou amasiadas, já que a tradicional divisão sexual do trabalho sobrecarrega mulheres. (URPIA; SAMPAIO, 2009) Quanto à orientação sexual, a maioria (21 mulheres) definiu-se como heterossexual, sentindo-se atraídas pelo gênero oposto, e as demais como bissexuais, tendo afinidade por ambos os gêneros.

Além de estudar, seis mulheres também trabalhavam. As ocupações citadas foram: assistente administrativa, auxiliar de classe, multiplicadora em empresa, operadora de *telemarketing*, professora de banca e recepcionista. Conforme Coulon (2008), a universitária que trabalha para sobreviver em profissão que não se associa aos seus estudos pode ter sua passagem para a universidade dificultada, já que o trabalho está desconectado da atividade intelectual exigida da estudante. Associado a isto, 22 das 26 mulheres responderam que recebiam mensalmente até três salários mínimos, sendo que quase a metade delas vivia com

menos de um salário por mês. Essa renda, quando dividida entre os dependentes – realidade vivenciada por nove estudantes cuja renda familiar era repartida entre duas e cinco pessoas –, demonstra um quadro que pode estar associado à vulnerabilidade vivida por essas discentes.

Quanto à origem das participantes, 20 viviam em Feira de Santana e as demais em cidades vizinhas, tais como: Ipecaetá, Riachão do Jacuípe, Santo Estevão e São Gonçalo dos Campos, que compõem os Territórios de Identidade do Portal do Sertão e da Bacia do Jacuípe. (BAHIA, 2007) O ir e vir das seis universitárias que não moravam em Feira de Santana, cidade em que a UEFS está situada, pode ser considerado migração sazonal, que é caracterizada como um fenômeno de movimento diário realizado dentro de um espaço geográfico para cumprir as funções de trabalhador(a) e/ou estudante em outra cidade, que não a de moradia. Essas estudantes não viviam seu ingresso e afiliação na vida universitária da mesma maneira que as demais que moram na cidade em que estudavam, já que isto requer adaptação à nova cidade e tempo de trânsito entre os municípios.

Domínio interpessoal

O processo de adaptação ao ensino superior envolve o domínio interpessoal, também conhecido como social, que diz respeito ao desenvolvimento de relações mais maduras com docentes, colegas de curso e figuras de autoridade do contexto universitário. (ALMEIDA; SOARES; FERREIRA, 2002) Para responder como se foi construindo o desenvolvimento do domínio interpessoal no percurso de adaptação foram investigados: o convívio e comunicação com colegas, ocupação de áreas de convívio, qualidade dos equipamentos da universidade e isolamento no ambiente acadêmico, sintetizados na Tabela 2, com resposta de 25 das 26 universitárias participantes na maioria dos itens.

Tabela 2 – Domínio interpessoal, Feira de Santana/BA, 2019

Domínio interpessoal	Nunca	Raramente	Muitas vezes	Sempre	Total
Tem bom convívio com colegas de curso	0	1	13	11	25
Tem facilidade de se relacionar com colegas	1	4	12	8	25

Domínio interpessoal	Nunca	Raramente	Muitas vezes	Sempre	Total
Sente-se isolada em ambiente universitário	5	15	4	1	25
Gosta de estar na universidade mesmo sem aula	10	9	5	1	25
Conversa com professoras e expõe dificuldades	7	15	3	0	25
Frequenta áreas de convívio na universidade	3	11	8	3	25
Equipamentos/serviços universitários atendem necessidades	1	13	9	12	25
Considera que colegas importam para o crescimento pessoal	0	2	11	12	25
Sente-se bem na cidade em que estuda	0	3	11	12	26

Fonte: elaborada pelas autoras.

Relativo à socialização no ensino superior em detrimento ao ensino médio, Coulon (2008, p. 173) afirma que: “a entrada na universidade é, para os jovens recém-saídos do colégio, uma mudança expressiva das referências de camaradagem. Entrar na universidade é, em geral, perder de vista seus melhores companheiros de colégio, sentir-se isolado e anônimo no meio dos outros”.

Assim, sentir-se isolada em ambiente universitário é muito comum, sobretudo no tempo do estranhamento quando ninguém se conhece. Das participantes, cinco disseram nunca se sentirem isoladas, outras 15 disseram raramente, e apenas uma estudante disse se sentir assim sempre. Todavia, a sensação de isolamento no ambiente universitário pode corroborar para o fracasso da afiliação e, conseqüentemente, trancamento ou desistência do curso.

Assim, a comunicação e a facilidade de se relacionar com demais estudantes do curso é muito importante para a afiliação, pois a socialização, sobretudo com colegas veteranas, permite receber informações de como funcionam a universidade e a lógica institucional. Além disso, gera identificação com colegas de classe quanto às dificuldades vividas para a adaptação. A facilidade de se relacionar e se comunicar com colegas de curso foi relatada positivamente por 20 das estudantes. Atrélado a isso, o bom convívio com colegas foi relatado positivamente por 24 delas.

Frequentar áreas de convívio tem um papel importante na constituição da identidade e cultura estudantil, pois desenvolve um

senso de pertencimento necessário à integração. Quanto ao tópico, as estudantes tenderam entre nunca ou raramente frequentar (14). Entretanto, isso pode estar associado ao fato de que mais da metade delas (14) consideraram que os equipamentos e os serviços da universidade, a ver as cantinas, o restaurante universitário e o centro de esportes, nunca ou raramente atenderam as suas necessidades. Perguntadas sobre gostar de estar na universidade mesmo sem aulas, as universitárias tenderam às respostas negativas, dez disseram que nunca e nove, raramente. Passar o menor tempo possível na universidade pode levar ao isolamento de variadas operações que provocam imersão na nova cultura, assim quanto mais interações acontecem, mais facilmente se atenua a ambiguidade, muito presente no tempo da aprendizagem. (COULON, 2008)

Entre os desafios para a afiliação estudantil podemos citar a aprendizagem de novos códigos linguísticos, novos repertórios de leitura, escrita e expressão oral, como algumas das exigências vivenciadas pelas universitárias. Tais dificuldades nem sempre são compartilhadas com docentes. Sobre isso, sete estudantes responderam nunca conversar com professores(as) ou expor dificuldades e 15 responderam que raramente o fazem. Entretanto, o contato com docentes na universidade parece mais facilitado, pois estes(as) estão mais dispostos(as) a dialogar sobre temáticas comuns e podem lidar de adultos(as) para adultas com suas discentes. Assim como o convívio com professores(as) pode impactar no crescimento pessoal, as participantes concordaram que muitas vezes (11 participantes) e sempre (12 participantes) as colegas de curso são importantes para o desenvolvimento individual.

E por fim, questionamos se elas se sentiam bem na cidade em que estudam, obtendo-se respostas, em sua maioria, positivas. Vale lembrar que para seis delas a entrada no ensino superior é uma dupla adaptação: tanto à universidade, como à estada diária na cidade de Feira de Santana, no ir e vir de suas cidades de origem. O fato de a universidade encontrar-se fora do centro feirense pode fazer com essas estudantes não tenham acesso a outros dispositivos culturais, econômicos e sociais que as proporcionem uma boa percepção da cidade.

Domínio acadêmico

Para saber como se ajustaram às particularidades do ensino superior, foi analisado o domínio acadêmico, que diz respeito

aos novos ritmos e organização do tempo, formas de avaliação e estratégias de estudo (ALMEIDA; SOARES; FERREIRA, 2000). Investigou-se sobre motivação e satisfação com o curso, frequência e ânimo para as aulas, desempenho nas atividades e disciplinas, tempo para lazer e afins, comuns aos desafios intelectuais e institucionais na afiliação estudantil.

Tabela 3 – Domínio acadêmico, Feira de Santana/BA, 2019

Domínio acadêmico	Nunca	Raramente	Muitas vezes	Sempre	Total
Tem acesso a tecnologias para atividades acadêmicas	0	3	10	13	26
Sente-se satisfeita com curso escolhido	2	5	10	9	26
Sente-se bem em estar na universidade	0	6	13	7	26
Sente-se motivada para frequentar aulas	2	8	16	0	26
Sente-se cansada para as aulas	0	5	14	7	26
Sabe buscar informações institucionais	3	18	5	0	26
Sente-se no controle da rotina de estudos	8	14	4	0	26
Sente-se confiante em meu potencial	4	10	10	2	26
Tem bom desempenho em atividades acadêmicas	0	9	17	0	26
Consegue acompanhar aulas e apontamentos	1	11	11	3	26
É pontual e assídua às aulas	2	9	11	4	26
Tem dificuldade de prestar atenção às aulas	2	11	10	3	26
Fica apreensiva frente às avaliações	0	4	4	18	26
Tem dificuldade de aprender conteúdos	0	9	14	3	26
Tem tido tempo para lazer	3	16	7	0	26

Fonte: elaborada pelas autoras.

“Sentir-se motivada” e “ter uma finalidade” são expressões utilizadas por estudantes para dizer sobre seus projetos acadêmicos. Estar motivada para frequentar as aulas, por exemplo, é importante porque ser estudante é uma situação escolhida, é se engajar no projeto de ser e permanecer neste ofício. (COULON, 2008) Neste estudo, boa parte das estudantes muitas vezes se sentia motivada a

frequentar as aulas. Este é um dado importante, já que a motivação e o desejo de estudar são motores do ofício, participando das condições da afiliação. Apesar de o curso de Licenciatura em Pedagogia não ter sido a primeira opção para 21 estudantes, 19 delas disseram estar muitas vezes ou sempre satisfeitas com a escolha de curso. Questionadas sobre a motivação para o curso, a maioria (17) citou a identificação pessoal para a sua escolha.

O domínio acadêmico toca em um ponto bastante importante sobre a afiliação intelectual: “[...] essa competência que permite reconhecer que tipo e que quantidade de trabalho intelectual é necessário fazer e em que prazo. Trata-se de uma parte do trabalho de afiliação intelectual que é exigido do estudante de primeiro ano para que ele sobreviva”. (COULON, 2008, p. 179) Ao se referir à afiliação intelectual, o que está em jogo é saber estudar, fazer anotações, como, quanto e o que ler, de que forma escrever e onde encontrar referências. Isso requer trabalho intelectual árduo e sem pistas explícitas do que se espera da estudante. Acompanhar aulas e realizar apontamentos é um estereótipo de ser competente e se distinguir das demais, por exemplo. De fato, os apontamentos durante as aulas podem fornecer articulação entre o código e a mensagem, proporcionando a compreensão e o domínio dos conteúdos. Sobre conseguir acompanhar aulas e realizar apontamentos, a maioria deu respostas positivas, 14 delas.

No ensino superior, as aulas não têm a mesma duração que no ensino médio, o que se estende ao volume semanal também, que por vezes é mais pesado, demandando outro ritmo de trabalho. Não ao acaso, a maioria das participantes do estudo relatou estar muitas vezes (14) ou sempre (7) cansadas para frequentar as aulas. Bem como, a maioria das estudantes nunca ou raramente se sentia no controle da rotina de estudos (22). A organização do tempo e do ritmo de trabalho deve ser diferente para dar conta das novas demandas, como aulas presenciais, leituras obrigatórias e complementares, atividades extraclasse e outras possibilidades que uma universidade oferece, como pesquisa e extensão.

Psicologicamente, o ensino superior é um espaço de grande liberdade e autorregulação em comparação com o ensino médio, já que a própria estudante tem que fazer seus horários e não tem quem controle suas tarefas, sendo essa autonomia um dificultador para o processo de afiliação. Deste mesmo modo, 11 responderam negativamente ao item “Conseguir ser pontual e assídua às aulas”.

Faltas e atrasos podem se relacionar com a desorganização da rotina, cansaço e desmotivação para frequentar aulas. Atividades desvinculadas da universidade, como trabalho, sendo que seis universitárias trabalhavam, também podem influenciar a pontualidade e a assiduidade. Até mesmo dificuldades com o sistema de ônibus da cidade pode explicar esse resultado, afinal 17 delas utilizavam o transporte público como principal meio para deslocamento até a universidade. Outro fator são as atribuições domésticas, muitas vezes assumidas de forma solitária pelas mulheres.

É preciso destreza na hora de elaborar o quadro de horário, conciliando pequenas tarefas cotidianas, vida familiar, tempo de deslocamento para a universidade e obrigações acadêmicas. Perguntadas sobre tempo para lazer, três responderam nunca ter, enquanto 16 disseram raramente. Em revisão integrativa, Graner e Cerqueira (2019) perceberam que o excesso de horas de estudo ou dificuldade para conciliar estudo, lazer e descanso são fatores associados ao sofrimento psíquico de universitários(as). Assim, além de apoio e possuir habilidades sociais, executar atividades prazerosas e de lazer são fatores protetivos para a saúde mental de estudantes.

Das participantes, 14 disseram que muitas vezes sentiam dificuldade para aprender os conteúdos nas disciplinas, o que pode estar associado ao fato de que dez delas consideraram que muitas vezes apresentavam dificuldade de prestar atenção às aulas. Esse desafio pode estar associado, por exemplo, com falta de motivação para frequentar as aulas, cansaço, dificuldade para acompanhar as aulas e realizar apontamentos. Na sua experiência, Coulon (2008) incentiva que os(as) novos(as) estudantes sejam profissionais no que fazem, tornando o estudo um novo ofício, o que quer dizer que devem dedicar tempo significativo de suas vidas para a atividade e esforço para dominar ferramentas, identificar e aprender regras do novo jogo.

Tudo isso impacta no bom desempenho em atividades acadêmicas, inclusive nas avaliativas, que são um bom indicador de afiliação. A partir delas é possível controlar se certo número de conhecimentos foi adquirido e se as características do trabalho intelectual foram assimiladas. Quanto ao desempenho nas atividades acadêmicas, a maioria (17) o considerou bom na maior parte do tempo e as demais disseram que raramente. É nas provas que se

testa e conhece as próprias fragilidades, provocando instabilidade no *status* de estudante. Não é à toa que este momento é de grande ansiedade e temor para muitas delas, afinal 22 responderam que ficavam apreensivas frente às avaliações muitas vezes ou sempre.

Contudo, o bom desempenho não se dá apenas em avaliações acadêmicas formais, também em operações informais, tais como: inteligência prática, seriedade, expressão oral e escrita, ortografia, apresentação de referências teóricas. (COULON, 2008) A percepção sobre a afiliação intelectual muito se relaciona com a confiança no próprio potencial para a vida estudantil. Comumente, as regras e instruções não estão tão claras sobre como devem ler, escrever, fazer anotações ou conduzir trabalhos acadêmicos, por exemplo. E compreender tudo isso e confiar no próprio potencial leva a uma afiliação intelectual das estudantes. De acordo com as respostas obtidas, a maioria delas nunca (4) ou raramente (10) se sentia confiante no próprio potencial.

Em tempos de digitalização da informação, o acesso às Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) é um potencial apoio ao processo de ensino e aprendizagem, com o uso de computadores, *tablets*, *smartphones*, sistemas operacionais, aplicativos diversos, navegadores, sistemas de telecomunicações e internet, dentre outros. (ROZA, 2017) A disponibilidade às tecnologias facilita demais a vida acadêmica para estudar, elaborar trabalhos acadêmicos, assistir filmes e vídeos requisitados em sala de aula. Assim, investigamos o acesso às tecnologias para o desenvolvimento de atividades acadêmicas, e 23 responderam que muitas vezes ou sempre acessavam. Como parte das necessidades acadêmicas, a UEFS oferece às estudantes na biblioteca acesso à internet e aos computadores através de marcação prévia de horário.

Outra dimensão percebida de forma distinta, quando se inserem no contexto universitário, é o espaço. Na afiliação institucional, as estudantes podem encontrar dificuldade para se situar, transitar e conviver nos espaços institucionais, que muitas vezes não estão bem-sinalizados, assim como a busca por informações pode não ser tão simples para as calouras. Mesmo estando há pelo menos um ano na UEFS, a maior parte delas respondeu ter dificuldade em saber onde buscar informações institucionais (21). Isso é típico do primeiro tempo da adaptação à universidade, sobretudo, quando não encontram suportes institucionais ou nas relações sociais para orientá-las. Na vida universitária, a estudante deve desenvolver

autonomia para buscar informações e comportamentos ajustados ao novo ambiente.

Associado a isto, o bem-estar na universidade é importante na confrontação com as novas práticas e para compreender qual a relação que a estudante mantém com a instituição. Com relação ao sentir-se bem na universidade, a maior parte das respostas foi positiva, entre muitas vezes (13) e sempre (7). A relação com o colegiado, o conforto encontrado no Diretório Acadêmico e outros suportes podem estar relacionados com essa sensação de bem-estar.

Domínio vocacional

Outro domínio investigado foi o vocacional, relacionado ao desenvolvimento de identidade e projeto profissional. Opção de curso, perspectivas profissionais, concretização de objetivos na carreira, reconhecimento social e financeiro e inserção no mercado foram investigados para compreender como as universitárias haviam desenvolvido um projeto e identidade vocacional.

Tabela 4 – Domínio vocacional, Feira de Santana/BA, 2019

Domínio vocacional	Nunca	Raramente	Muitas vezes	Sempre	Total
Imagina boas perspectivas profissionais	1	4	14	7	26
Acredita poder concretizar objetivos pessoais na carreira	1	6	11	8	26
Acredita que profissão proporcionará reconhecimento social	2	12	11	1	26
Acredita que profissão proporcionará reconhecimento financeiro	2	12	11	1	100
Acredita que profissão proporcionará boa inserção no mercado de trabalho	0	3	17	6	26

Fonte: elaborada pelas autoras.

Construir um projeto de carreira requer um trabalho complexo de buscar informações sobre como chegar nos seus objetivos, identificar posições atuais para tomada de decisão com relação ao futuro, compreender como estruturar o próprio currículo para tal e as regras do mercado de trabalho. (COULON, 2008) No primeiro ano, estudantes pouco se preocupam com a sua carreira ou futuro

profissional, ignorando-o ou fazendo uma ideia vaga do tópico. E não saber para que servirão seus estudos pode provocar o desejo de evasão. A motivação e o desejo de estudar estão intimamente ligados às perspectivas profissionais em função de suas escolhas e suas origens. A partir disso, perguntamos se as estudantes imaginavam boas perspectivas profissionais, e o resultado foi mais positivo, já que 14 responderam muitas vezes e sete disseram que sempre.

Seco e demais autores (2005) identificaram que quanto maior for o suporte social disponível percebido, mais satisfatórias as vivências acadêmicas, incluindo as expectativas positivas e projetos vocacionais bem definidos. Essas perspectivas são imaginadas a partir da orientação de professoras, outras estudantes, profissionais da área e até de familiares. As carreiras universitárias traçadas dependem de elementos imaginários, cuja fonte pode remeter às estruturas familiares e sociais. As estudantes se mostraram mais positivas (19) quanto a concretizar os objetivos pessoais na carreira.

Socialmente, as estudantes estavam divididas entre as exigências acadêmicas que encontravam na universidade e as exigências profissionais que as pressões sociais exerciam sobre elas fora da universidade, ao considerar o reconhecimento social, financeiro e facilidades de inserção no mercado de trabalho, em conjunto com os recortes de gênero, raça e classe socioeconômica. As estudantes pareciam se dividir quanto ao reconhecimento social e financeiro trazido pela profissão, já que 14 responderam de forma negativa e outras 12 disseram que muitas vezes ou sempre.

Com relação à boa inserção no mercado de trabalho, apresentaram uma perspectiva positiva, já que 23 vislumbraram isso muitas vezes ou sempre. Correlacionando com a motivação para estudar, apenas três delas escolheram a opção “conseguir bom emprego”, tendendo mais a “crescimento pessoal”, para 17 pessoas. A construção da carreira é uma dimensão importante para a adaptação acadêmica e marca uma transição importante na juventude, como etapa preparatória para a entrada na vida adulta. (ALMEIDA; SOARES; FERREIRA, 1999)

Considerações finais

A partir dos dados levantados, ficou explícito que no domínio interpessoal, a baixa frequência em ambientes de convívio, a indisposição de estar no ambiente universitário mesmo sem aulas

funcionavam como fatores dificultadores. Enquanto o bom convívio com colegas, ter facilidade para se comunicar e a importância de colegas de turma para o crescimento pessoal se desenhavam como facilitadores da adaptação estudantil. No acadêmico, os desafios foram relacionados ao controle da rotina de estudos, cansaço, acompanhamento das aulas, realização de apontamentos, obtenção de informações institucionais e pouco tempo para lazer. Tornaram-se suportes, nesse caso, o acesso às tecnologias para realização de atividades acadêmicas e bom desempenho nelas, e a satisfação com o curso escolhido, por exemplo. Com relação ao último domínio, as estudantes se dividiram com relação ao reconhecimento social e financeiro da profissão, mas relataram boas perspectivas profissionais, crença de concretizar objetivos pessoais na carreira e de boa inserção no mercado de trabalho.

De modo geral, os dados revelaram um equilíbrio entre as variáveis implicadas no processo de afiliação, revelando as forças em jogo ao longo dos três tempos da afiliação estudantil e o fato destes domínios se entrelaçarem produzindo efeitos de retroalimentação. Porém, alguns indicadores negativos superaram os positivos nesse momento da trajetória acadêmica, como pouca comunicação com professores, baixa adesão em estar na universidade mesmo sem aulas, cansaço para frequentar aulas, dificuldade de encontrar informações institucionais, falta de controle da rotina de estudos e apreensão frente às avaliações. O que parece razoável por estarem no terceiro semestre, começando a se vincular a atividades extraclasse, construindo sua rede social, conhecendo o espaço universitário, descobrindo as regras institucionais e traçando objetivos quanto à carreira.

Os suportes institucionais, sociais e familiares foram fundamentais para que as estudantes fossem construindo, ao longo do tempo, repertório comportamental e acadêmico para lidar melhor com os desafios postos pelo ensino superior. Como facilitadores, colegas parecem ter efeitos positivos. Entretanto, é interessante que docentes, gestores(as) e coordenadores(as) se mobilizem mais para que também sejam vistos(as) como possíveis suportes para a adaptação das estudantes em questão. A gestão universitária, o colegiado do curso, o núcleo de apoio psicopedagógico da universidade e demais instâncias estudantis também podem engajar-se em estratégias para acolher, informar e promover adaptação universitária, disponibilizando mapas da universidade, panfletos

informativos, reestruturação de espaços de convívio, promoção de momentos e atividades culturais, cursos complementares sobre escrita e apresentação de trabalhos acadêmicos e outras propostas. Trata-se de implementar ações mais sensíveis que apoiem estudantes para lidarem com os desafios interpessoais, acadêmicos e vocacionais que a vida universitária exige, ao mesmo tempo em que lidam com as transições para a vida adulta, de forma equilibrada.

Dentre as limitações encontradas nessa pesquisa, a amostra pequena e regionalizada inviabiliza generalizações, apesar de revelar semelhanças com outras universidades públicas do Nordeste. Em contraponto, tais características da amostra mapeiam particularidades com relação à trajetória acadêmica de um seguimento estudantil na universidade, possibilitando a construção de estratégias institucionais e estudantis que qualifiquem de forma singularizada a experiência investigada. A escolha pelos três domínios, embora intencional, deixou de fora o domínio pessoal, que poderia fornecer dados sobre as identidades sociais, sexuais e de gênero, o desenvolvimento de autoestima, autoconhecimento e visão de mundo. Assim, indica-se a continuação de estudos comparativos e de maior aprofundamento em relação aos limites supracitadas.

Referências

- ALMEIDA, L. S.; SOARES, A. P.; FERREIRA, J. A. Questionário de Vivências Acadêmicas: construção e validação de uma versão reduzida (QVA-r). *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Coimbra, ano 33, n. 3, p. 181-207, 1999. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/12080/1/Almeida%20c%20Ferreira%20%26%20Soares%201999.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2021.
- ALMEIDA, L. S.; SOARES, A. P.; FERREIRA, J. A. Questionário de Vivências Acadêmicas (QVA-r): Avaliação do ajustamento dos estudantes universitários. *Avaliação Psicológica*, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 81-93, nov. 2002. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v1n2/v1n2a02.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2023.
- ALMEIDA, L. S.; SOARES, A. P.; FERREIRA, J. A. Transição e adaptação à Universidade: Apresentação do Questionário de Vivências Acadêmicas (QVA). *Psicologia*, Lisboa, v. 14, n. 2, p. 189-208, jul. 2000. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492000000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 out. 2020.
- ARTES, A. A presença de mulheres no ensino superior brasileiro: uma maioria sem prestígio. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11.; WOMEN'S WORLDS CONGRESS, 13., 2017, Florianópolis. *Anais eletrônicos* [...]. Florianópolis: UFSC, 2017. p. 1-12. Disponível em:

http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1496748817_ARQUIVO_fazendogenero_final.pdf. Acesso em: 15 jan. 2021.

BAHIA. Secretaria do Planejamento do Estado da Bahia. *Territórios de identidade*. [Salvador]: SEPLAN, 2007. Disponível em: <http://www.seplan.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=17>. Acesso: 14 jul. 2020.

BARRETO, A. A mulher no ensino superior: distribuição e representatividade. *Cadernos do GEA*, Rio de Janeiro, n. 6, jul./dez. 2014. Disponível em: http://flacso.org.br/files/2016/04/caderno_gea_n6_digitalfinal.pdf. Acesso em: 15 jan. 2021.

BENTO, M. A. S. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, I.; BENTO, M. A. (org.) *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 25-28.

CONSELHO NACIONAL DE JUVENTUDE (org.). *Política nacional de juventude: diretrizes e perspectivas*. São Paulo: Conselho Nacional de Juventude, 2006. Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05611.pdf>. Acesso em: 14 out. 2020.

COSTA, P. T. *Acesso da mulher ao Ensino Superior na Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/148559>. Acesso em: 15 jan. 2021.

COULON, A. *A condição de estudante: a entrada na vida universitária*. Salvador: Edufba, 2008.

GRANER, K. M.; CERQUEIRA, A. T. A. R. Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 4, p. 1327-1346, abr. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018244.09692017>. Acesso: 20 nov. 2020.

IBGE. *Censo demográfico 2010: características da população e dos domicílios: resultados do universo*. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd_2010_caracteristicas_populacao_domicilios.pdf. Acesso em: 15 jan. 2021.

MEDEIROS, E. A.; ARAÚJO, O. H. A.; SANTOS, J. M. C. T. O curso de pedagogia no Brasil: uma análise sobre sua história e identidade (1939-2019). *Interfaces da Educação*, Paranaíba, v. 12, n. 34, p. 561-588, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.26514/inter.v12i34.5447>. Acesso em: 1 mar. 2023.

ROZA, R. H. *Estilos de aprendizagem e o uso das tecnologias da informação e comunicação*. 2017. Tese (Doutorado em Psicologia como Profissão e Ciência) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2017. Disponível em: <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/>

jspui/bitstream/tede/972/2/RODRIGO%20HIP%C3%93LITO%20ROZA.pdf. Acesso em: 15 jan. 2021.

SAMPAIO, S. M. R. *Observatório da vida estudantil: primeiros estudos*. Salvador: Edufba, 2011.

SECO, G. M. S. B. et al. *Para uma abordagem psicológica da transição do Ensino Secundário para o Ensino Superior: pontes e alçapões*. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria, 2005.

SOUZA, G. L. A.; GONÇALVES, L. A.; GOES, M. C. Os desafios enfrentados pela mulher contemporânea no ingresso ao ensino superior. *REFAS*, São Paulo, v. 6, n. 1, out. 2019. Disponível em: <http://www.revistarefas.com.br/index.php/RevFATECZS/article/view/347/235>. Acesso em: 9 nov. 2020.

SPOSITO, M. P.; CARRANO, P. C. R. Juventude e políticas públicas no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 16-39, set./dez. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000300003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 jan. 2021.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA. *Projeto Pedagógico do curso de Licenciatura em Pedagogia*. Feira de Santana: UEFS, 2018.

URPIA, A. M. O.; SAMPAIO, S. M. R. Tornar-se mãe no contexto acadêmico: dilemas da conciliação maternidade – vida universitária. *Recôncavos: revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras*, Cachoeira, ano. 3, n. 4, p. 30-43, 2009. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/reconcavos/article/view/1094>. Acesso em: 10 nov. 2020.

Submetido em: 12 ago. 2022.
Aceito em: 27 abr. 2023.